

## **ESTADOS UNIDOS: o contexto dos anos 1970 e as crises do petróleo**

*Havana Alicia de Moraes Pimentel Marinho*  
Mestranda em Economia Política Internacional – NEI/PEPI/UFRJ

**RESUMO:** O presente texto apresenta um panorama das várias crises dos anos 1970 sob a ótica dos Estados Unidos. A sensação do forte declínio após os frutíferos “anos dourados” do pós-guerra e as consequências políticas e econômicas dos acontecimentos diretamente para os Estados Unidos e as decisões da política externa deste país durante o período histórico proposto.

**PALAVRAS-CHAVE:** política externa, Estados Unidos, crise do petróleo.

**ABSTRACT:** The present text presents an overview around the several crisis in 1970's under the United States perspective. The strong decline feeling after the golden era that followed second world war and the political and economic consequences directly in USA and the foreign policy decision making during this period.

**KEY-WORDS:** foreign policy, United States, oil crisis.

### **Introdução**

A economia americana após a Segunda Guerra Mundial vivenciou momentos áureos. Os Estados Unidos como grandes vencedores souberam aproveitar a conjuntura e expandiram as relações comerciais e financeiras pelo mundo, agregando também ao seu discurso e prática sua ideologia e os diversos aspectos culturais entre outros.

Entretanto, esse movimento promissor não perdurou por muito tempo. Já no fim dos anos 60, o ano de 1968 marcou inúmeros países pela onda de protestos. O historiador Eric Hobsbawn faz a seguinte afirmação: “*A história dos vinte anos após 1973 é a de um mundo que perdeu suas referências e resvalou para a instabilidade e a crise*” (HOBSBAWN, 1995:

---

393). Diante de tal perspectiva, o presente trabalho visa analisar esse período tão complexo, onde ocorreram transformações desde a economia até a cultura, perpassando principalmente pela questão política: a disputa pelo poder e a influência hegemônica das duas potências que lideravam o tabuleiro geopolítico mundial.

As ações do governo americano pelo mundo encontravam-se sempre vinculadas a dois fatores: os interesses econômicos e as implicações políticas. A Doutrina Monroe que defendia “A América para os americanos” teve seu modelo copiado e replicado para partes da Ásia e do Oriente Médio. A presença francesa na Indochina foi sendo esvaziada por intervenções frustradas e empréstimos americanos que acabaram submetendo à França aos interesses diretos dos Estados Unidos.

Os anos 70 se iniciam sem o clima de otimismo que permeava os anos anteriores. O contexto da guerra fria dividia o mundo entre zonas de influência das duas potências mundiais: Estados Unidos e União Soviética. Moniz Bandeira busca dimensionar essas transformações e afirma que *“ao mesmo tempo em que, nos anos 70, profunda mudança se operava na estrutura econômica mundial, importantes acontecimentos políticos também começaram a transformar o cenário político internacional”* (BANDEIRA, 2006: 309).

A questão da Guerra Fria sem dúvida teve um impacto decisivo nos desdobramentos ocorridos na década de 70 do século passado, pois aliada à defesa dos interesses econômicos americanos, a questão política sempre perpassava na mente dos formuladores governamentais que precisavam visualizar o mundo de acordo com as interligações entre capitalistas e comunistas, além disso, era fundamental analisar sempre os interesses da URSS. Entretanto, há autores, como Chalmers Johnson, que defende que *“a guerra fria obscurecera o grande programa imperialista da América”* (SCOWEN, 2003: 73).

Essa visão foi um tanto disseminada ao longo dos anos 70 devido, principalmente, pela crença do fim da hegemonia e do poderio americano. A derrota no Vietnã, os problemas internos financeiros com conseqüências globais e ainda alguns fracassos da política externa mesmo articulada com agências como a CIA foram fatos que corroboraram na construção daquilo que José L. Fiori denominou, inclusive como título de seu livro: “O mito do colapso do poder americano”. Este assunto retornará na última parte do presente artigo, com relação aos desdobramentos da década de 70 do século passado.

As guerras no Oriente Médio se intensificam. Israel, após a consolidação como Estado Nacional, busca expandir suas fronteiras territoriais para além daquilo que figurava no Tratado estabelecido pela ONU. E em 1979, a Revolução iraniana concluiu os anos 70 com mais um choque do petróleo e a perpetuação do sentimento de instabilidade. O impacto

---

desses conflitos na economia mundial era imediatamente sentido pela elevação do preço do barril de petróleo e por todos os setores indiretamente ligados que sofriam com enormes perdas financeiras. Além de todos esses fatores externos, os Estados Unidos, já no papel de potência hegemônica capitalista do mundo bipolar sofria internamente com recessão e inflação.

### **Os Estados Unidos e seu relevante papel de “coordenador” do mundo**

A história americana é contada de um modo peculiar, mas recorrente (pela perspectiva do vitorioso). O povo americano acredita que a formação de seu país se deu por meio de uma expansão “humanitária”, entendendo-se como disseminadores natos dos princípios da democracia e liberdade pelo mundo. Entretanto, as entrelinhas históricas nos mostram que essa narrativa foi suavizada para se tornar mais agradável e esconder o lado obscuro, real e cruel da construção da nação americana.

Acerca dessa questão da construção de mitos ao longo da história dos Estados Unidos, Christopher Coker faz a seguinte afirmação sobre o historiador Frederick Jackson Turner: *“He is perhaps the best example of how a historian helped forge a national myth, and with it a national ideology”* (COKER, 150). Seguindo uma linha teórica semelhante com relação à construção histórica, mas acerca de um tema diferente, Sidney Lens afirma:

Os Estados Unidos, como outras nações, elaboraram um mito da moralidade para aliviar a consciência e sustentar sua imagem. Dizem-nos que os Estados Unidos sempre tentaram evitar a guerra; quando forçados a seguir a via militar, raramente o fizeram movidos por desejos de ganho ou glória. [...]. No pensamento, bem como nas ações – assim prossegue o mito –, os Estados Unidos têm sido antibelicosos, antiimperialistas, anticolonialistas. Jamais buscaram obter nem um único centímetro do território de outrem, e as poucas colônias que adquiriram foram tratadas com considerações e liberadas tão prontamente quanto permitiram as circunstâncias (LENS, 2006: 21).

Embora esse não seja o tema principal deste artigo, a reflexão é pertinente, pois no fim dos anos 60 e ao decorrer da década de 1970, novamente esse recurso foi utilizado para construir uma história parcial sob a ótica estadunidense. A Guerra Fria se desenrolou em uma atmosfera de manipulação ideológica intensa, por parte das duas potências envolvidas.

Após a Segunda Guerra Mundial os Estados Unidos assumiram o vazio resultante da decadência da Inglaterra e se firmaram como potência mundial. Esse papel de destaque pode ser observado em vários momentos, como a criação da ONU, reunião de Bretton

---

Woods e criação do FMI e BIRD, entre outros. Novamente, Sidney Lens apresenta uma frase contundente que resume a questão do mito e da visão disseminada acerca da história estadunidense: “[...] a América generosa não existe e nunca existiu” (LENS, 2006: 21).

O discurso americano sempre foi construído para parecer palatável, e principalmente, para que os Estados Unidos fossem vistos como um poder renovador e moderno, totalmente diferente do que se tinha ao longo dos anos de dominação da *Pax Britannica*. Já a *Pax Americana* pregava: o livre mercado, fronteiras comerciais abertas, desenvolvimento à convite, inserção dos países subdesenvolvidos na divisão internacional do trabalho não mais como meros exportadores de matérias-primas, estímulo ao consumo e o Estado de bem-estar social eram modelos a serem almejados por todos os demais países do mundo. Sidney Lens afirma:

[...] Tio Sam organizou as grandes potências num consórcio dedicado a um determinado modo de vida econômico – a política de portas abertas – e desenvolveu uma máquina militar para defender o *establishment* contra revoluções e revolucionários (LENS, 2006: 512-513).

Os Estados Unidos, nos anos posteriores ao término da Segunda Guerra, estimulavam os demais países “vendendo” seu projeto de *American way of life*. A euforia permeava vários Estados que “compravam” o discurso americano e vislumbravam um futuro melhor e repleto de esperança. A ideologia americana e seus pilares foram evidenciados na guerra midiática travada durante a Guerra Fria, desde noticiários, músicas e principalmente, por meio da indústria cinematográfica estadunidense que disseminava o modelo do ideal capitalista moderno em detrimento do espião maléfico, símbolo do comunismo retrógrado.

Mas os anos 70 começaram mal para os Estados Unidos, que internamente sofriam com a recessão e a inflação, além da existência de um cenário político confuso e divergente. Parte da população sofrendo com a ausência de direitos civis, desemprego e queda no padrão de consumo. Enquanto isso os Estados Unidos tinham gastos militares elevados, além de financiamentos externos para assegurar as zonas de interesses e afastar o “perigo comunista” (por exemplo, em 1970 os Estados Unidos gastaram cerca de 1 milhão de dólares para influenciar as eleições no Chile, evitando que algo como Cuba voltasse a ocorrer).

A realidade econômica interna dos Estados Unidos apresentava os seguintes dados: 1) Em 1964, o orçamento da União destinado ao Departamento de Defesa era de 41,8%; 2) Já em 1968, o gasto com defesa aumentou para 43,3% representando 9,9% do PIB; 3) Em

1966, os valores desses gastos com defesa eram de cerca de US\$ 13 bilhões; 4) Em 1967, além do acréscimo de US\$ 9 bilhões, as despesas militares no exterior também aumentaram em US\$ 800 milhões; 5) O déficit dos Estados Unidos em 1970 era de US\$ 9,8 bilhões e 6) A inflação que em 1961 era de 1,5% subiu para 4,7% em 1968/69. Após a Segunda Guerra o PIB americano que representava 34% da produção mundial caiu para abaixo de 30% em 1971. Além desse complexo cenário, o enfraquecimento do dólar diante da ruptura do padrão dólar-ouro, também desencadeou uma série de conseqüências negativas (BANDEIRA, 2006: 298).

Os acordos estabelecidos em Bretton Woods foram unilateralmente rompidos pelos Estados Unidos que acabaram com a conversibilidade dólar – ouro e ainda desvalorizaram o dólar em 8% em 1972 e nova desvalorização em 10% em 1973. As conseqüências para as economias mundiais foram desastrosas. O país que era invejado e copiado vivia uma crise financeira com desdobramentos negativos para as trocas financeiras global com um todo.

Além de uma economia desequilibrada, o setor político também apresentava problemas. Internamente, o escândalo *Watergate* que levou a queda do Presidente Nixon, as investigações de ações secretas e ilegais por parte da CIA e outros organismos americanos e questionamentos acerca do assassinato do Presidente Kennedy pairaram sobre a esfera política. Já no âmbito internacional, a derrota não assumida no Vietnã foi o grande fracasso da potência estadunidense, além da participação e financiamento direto e indireto nas políticas locais na América Latina, Ásia e Oriente Médio.

Diante do cenário de disputas da Guerra Fria, a política externa dos Estados Unidos nos anos 1970 teve que se modificar, Samuel Huntington afirma:

O crescimento do poderio soviético nos anos 70 levava ao estabelecimento de relações diplomáticas entre Estados Unidos e a China em 1979 e à cooperação *ad hoc* entre os dois países a fim de promover seu interesse comum na neutralização daquela ameaça (HUNTINGTON, 1997: 282).

Esse novo arranjo demonstrou que os Estados Unidos sempre buscavam assegurar sua influência atrelada aos interesses econômicos específicos em cada um dos Estados em questão. A aliança estratégica com a China, apesar de comunista, representava um somatório de forças contra qualquer avanço ou crescimento soviético.

## **A demanda por petróleo e as conseqüências da política externa para o Oriente Médio**

Em 1970, o consumo americano de petróleo era de 3,2 milhões de barris/dia. Já em 1973, esse valor aumentara para 6,2 milhões. Já a produção dos Estados Unidos, entre 1948 e 1972, saltou de 5,5 milhões para 9,5 milhões de barris/dia (TORRES FILHO, 2007: 313). Embora os números pareçam elevados, a participação estadunidense no mercado mundial caiu de 64% para 22%, fazendo com que os Estados Unidos deixassem de ser “ofertante em última instância” e se tornassem importantes importadores de petróleo.

Antes mesmo dos choques do petróleo resultantes da instabilidade na região do Oriente Médio, a política externa dos Estados Unidos já atribuía especial atenção à região pela importância estratégica do petróleo e o seu peso como uma *commodity* diferenciada no mercado internacional. Por exemplo, o relacionamento com a Arábia Saudita sempre foi pautado pelo interesse no petróleo e uma tentativa de convivência até certo ponto harmônica com os demais países árabes em função do “ouro negro”.

Mas a política externa americana se deparou com um complexo dilema. Pois o relacionamento privilegiado e especial entre Estados Unidos e Israel inviabilizou em parte a política para o Oriente Médio e trouxe conseqüências desastrosas.

O primeiro choque do petróleo foi justamente uma resposta árabe ao apoio americano dado a Israel na guerra do Yom Kippur, onde Egito e Síria atacaram sorrateiramente Israel na tentativa de resgatar os territórios perdidos na guerra dos seis dias na década de 60. Entretanto, os dois países árabes fracassaram e Israel, com o respaldo dos Estados Unidos, manteve as aquisições.

Um movimento de retaliação encontrado pelos países árabes produtores de petróleo, já organizados na OPEP (Organização dos Países Exportadores de Petróleo), buscou fortalecimento, organização da exportação e com isso obter controle dos preços praticados no cada vez mais interdependente mercado internacional.

A OPEP surgiu, primeiramente, como um grupo de 5 países produtores de petróleo e em desenvolvimento: Irã, Iraque, Kuwait, Arábia Saudita e Venezuela em uma conferência do dia 10 ao dia 14 de setembro de 1960. O grande embate girava em torno das grandes empresas petrolíferas e os estados exportadores que dependiam diretamente das divisas obtidas pelo petróleo para o enriquecimento nacional. O modelo da OPEP foi baseado no sistema americano de controle e regulação exercido pela *Texas Railroad Commission* (TRC) e apresentado pelo venezuelano Juan Pablo Perez Alfonso.

Os Estados buscavam seus direitos legítimos de agir no mercado petrolífero até então totalmente dominado pelos grupos multinacionais das sete irmãs. Pela primeira vez, o petróleo foi utilizado como uma arma, tanto no embargo aplicado quanto na elevação abrupta do preço do barril afetou diretamente a economia mundial. Moniz Bandeira afirma:

Os países árabes, integrantes da OPEP, aproveitaram a guerra do Yom Kippur para compensar as perdas com a desvalorização do dólar, e usaram, pela primeira vez, o petróleo como arma e instrumento de pressão, suspendendo o fornecimento aos países que apoiavam Israel (BANDEIRA, 2006: 325).

Os Estados Unidos seguiram preocupados com a questão do petróleo e o impacto negativo na economia mundial do aumento acelerado do preço do barril. O Presidente Carter manteve-se atento a essa questão, principalmente com relação ao Irã. Mas a realidade político-institucional do grande produtor de petróleo era desconhecida por parte dos formuladores políticos de Washington.

A relação dos Estados Unidos com o Irã em 1978 apresentava dados importantes: os investimentos excediam os US\$ 682 milhões, cerca de 50 mil trabalhadores americanos viviam no Irã, as compras militares feitas de fabricantes americanos somaram um montante de mais de US\$ 12 bilhões e os Estados Unidos se tornaram o segundo maior fornecedor de importações não militares do Irã, totalizando US\$ 12.7 bilhões. De acordo com o Departamento de Comércio americano, os investimentos totais de companhias estadunidenses na indústria do petróleo iraniana eram de cerca de US\$ 457 milhões. Já durante o desenrolar da Revolução, em 1979 ocorreu um cancelamento de compras de armamentos americanos de cerca de US\$ 7 bilhões e mais adiante, o Irã anunciou o cancelamento do restante dos pedidos que já solicitados, somando uma perda total equivalente a US\$ 12.5 bilhões (FATEMI, 1980: 303).

Na tentativa de intervir e assegurar o governo do Xá Reza Palev visando as articulações que garantiriam um fornecimento de petróleo ordenado para o mercado e com preços estabilizados, os Estados Unidos assistiram perplexos os desdobramentos da Revolução iraniana em 1979 que levou o xiita Aiatolá Khomeini ao poder do Irã, desarticulando qualquer possibilidade de estabilidade.

O resultado foi o segundo choque do petróleo ainda na década de 1970, pois antes da Revolução o Irã representava o porto seguro de fornecimento de petróleo para os Estados Unidos no meio do conturbado Oriente Médio. Já após a Revolução, toda essa estabilidade, além dos acordos comerciais, sofreu diretamente com os desdobramentos do

---

momento. O Aiatolá Khomeini, além de afirmar que usaria a “bomba petróleo”, buscou articulação política com os demais países muçulmanos para formar um levante contrário aos “infiéis ocidentais” em uma espécie de *jihad* contra o Ocidente.

O mercado internacional ficou desestabilizado diante da subida vertiginosa dos preços do petróleo. A suspensão da produção iraniana fez com que a Arábia Saudita aumentasse suas exportações, juntamente com outros países para tentar reduzir o impacto do choque. Até então, o preço do barril de petróleo sofreu a maior alta na história, vindo a ser superado apenas pela recente crise econômica e financeira de 2008/9.

### **O fim dos anos 70 e os impactos de uma década de transformações**

O mundo fora duramente atingido pelos acontecimentos dos anos 70 e a análise feita por grande parte do mundo acadêmico dizia que após esse período caótico uma nova ordem mundial se estabeleceria, não tendo mais os Estados Unidos como potência hegemônica do mundo capitalista. A URSS já dava sinais claros de um forte desgaste, tudo apontava para o fim da Guerra Fria com uma “Rússia” derrotada e os Estados Unidos abalados e enfraquecidos.

Entretanto, esses apontamentos foram parcialmente acertados, pois a URSS de fato acabou, o desmantelamento do “grande urso” comunista provocou grandes mudanças principalmente no leste europeu. Mas os Estados Unidos se saíram muito bem após tantos conflitos, consolidaram sua vitória na Guerra Fria e novamente, unilateralmente, provocaram mudanças na economia interna que visavam estabilizar o país em detrimento de um desastre mundial, principalmente com consequências duras para os países subdesenvolvidos que viveram inúmeras crises.

Os anos 70 foram fundamentais para essa reestruturação do poder imperial global americano, contrariando algumas previsões anteriormente mencionadas. As políticas econômicas modificaram internamente a realidade do país e a política externa seguiu seu curso, defendendo os interesses de grupos americanos, as vezes ligados ao governo e outras vezes não.

Além disso, com a situação decadente da URSS, a lógica seria uma desmilitarização dos Estados Unidos na medida em que o declínio de seu maior inimigo se aproximava. Entretanto, os gastos militares aumentavam absurdamente, reforçando a tese de que o projeto imperial americano ainda estava caminhando rumo ao seu objetivo. Essa questão bélica, inclusive, é outro aspecto relevante que reforça a visão apresentada e questionada



---

com relação ao tema abordado no início do artigo, acerca do mito da “bondade e nobreza” americana. Peter Scowen afirma: “*Os Estados Unidos gabam-se de ser uma nação de paz, mas são o maior construtor e exportador isolado de armas e munições, país que abastece regularmente ambos os lados em um conflito [...]*” (SCOWEN, 2003: 78).

Portanto, o desenvolvimento de uma estrutura militar bélica além de ser fundamental para a defesa e para assegurar o poder imperial americano, também é um setor econômico de grande relevância financeira. As indústrias de armas atendem primordialmente o mercado interno e segue auferindo lucros excessivos disseminando armas pelo mundo todo, sem defender qualquer um dos lados em um conflito.

Muito mudou, mas outros aspectos perduram até os dias atuais como o impasse com relação ao Oriente Médio. O forte apoio dado a Israel ocorre por causa da grande influência política, econômica e financeira dos judeus americanos, por outro lado, esse relacionamento privilegiado afeta diretamente a convivência com os países árabes do Oriente Médio e grandes produtores de petróleo.

As lições que podem ser retiradas da experiência histórica da década de 70 do século passado estão diretamente ligadas às decisões políticas e econômicas tomadas pelos países na disputa por espaço no ordenamento internacional e busca de estabilidade na esfera da economia mundial interdependente.

As mudanças dos anos 70 demonstraram que aquele momento foi crucial para o desenvolvimento do poder hegemônico dos Estados Unidos pós-Guerra Fria, pois diante das crises, ocorreu uma profunda mudança estrutural nas bases daquele país. Os choques do petróleo demonstraram que a capacidade de articulação de atores ditos fracos pode resultar em uma aliança forte, cujo alcance pode impactar o mundo todo.

Como afirma Jean-Baptiste Duroselle: “*Mesmo em plena paz, o espectro da guerra está sempre presente nas relações internacionais, pela desconfiança, pela ameaça, pelo armamento, pelas lembranças mal-cicatrizadas e pelo temor sobre o futuro*” (DUROSSELE, 2000: 314).

Portanto, os Estados Unidos, como potência “unipolar”, se pautam pela afirmação supracitada. Afinal, o poder do *hegemon* e sua capacidade de articulação buscará sempre defender seus próprios interesses e assegurar vantagens para os setores fundamentais que formam uma forte articulação com o governo americano.

Os Estados Unidos, desde o pós Segunda Guerra até os dias atuais, mesmo diante dos obstáculos apresentados ao longo da década de 70, seguem hegemônicos, trazendo consigo uma estrutura de poder que inclui os setores privilegiados que usufruem desse

ESTADOS UNIDOS: o contexto dos anos 1970 e as crises do petróleo – por Havana Alicia de Moraes Pimentel  
Marinho

---

caráter complementar que forma toda a estrutura basilar da relação público e privado que fortalecem o poder americano.

#### **Consulta na internet:**

<http://www.opec.org/aboutus/history/history.htm>.

<http://www.peakoil.org.au/>.

[http://www.bp.com/liveassets/bp\\_internet/globalbp/globalbp\\_uk\\_english/reports\\_and\\_publications/statistical\\_energy\\_review\\_2008/STAGING/local\\_assets/downloads/pdf/statistical\\_review\\_of\\_world\\_energy\\_full\\_review](http://www.bp.com/liveassets/bp_internet/globalbp/globalbp_uk_english/reports_and_publications/statistical_energy_review_2008/STAGING/local_assets/downloads/pdf/statistical_review_of_world_energy_full_review).

[http://tonto.eia.doe.gov/dnav/pet/pet\\_pri\\_wco\\_k\\_w.htm](http://tonto.eia.doe.gov/dnav/pet/pet_pri_wco_k_w.htm).

#### **Referências Bibliográficas:**

CHOMSKY, Noam. *Rumo a uma nova guerra fria*. Rio de Janeiro: Record, 2007.

DUROSELLE, Jean-Baptiste. *Todo Império Perecerá*. Brasília: Editora Universidade de Brasília: São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2000.

HOBBSAWM, Eric. *A Era dos Extremos*. - 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HUNTINGTON, Samuel P. *O choque de civilizações*. Rio de Janeiro: Objetiva, 1997.

LENS, Sidney. *A fabricação do império americano*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2006.

MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. *Formação do Império Americano*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

SCOWEN, Peter. *O livro negro dos Estados Unidos*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.

TORRES FILHO, Ernani Teixeira. "O Papel do Petróleo na Geopolítica Americana" In: *O Poder Americano*. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

YERGIN, Daniel. *O Petróleo*. Capítulos XXIV e XXVI.

FATEMI, Khosrow. "The Iranian Revolution: Its impact on the economic relations with the United States". *International Journal of the Middle East studies*, Vol. 12, No. 3 (Nov. 1980), p.303.

**Recebido em: 05/04/2010**

**Aprovado em: 19/04/2010**